



TRIBUNA

Arquivando a pandemia – projetos de historiador e “dever de memória”

Archiving the pandemic – historian's projects and “duty to memory”

Archivar la pandemia – proyectos de historiadores y “deber de memoria”

Andréa Casa Nova Maia¹

orcid.org/0000-0003-0271-7649
andrea.cn.bh@gmail.com

Recebido em: 9 jul. 2021.

Aprovado em: 4 ago. 2021.

Publicado em: 17 nov. 2021.

Resumo: Os anos de 2020 e 2021 trouxeram transformações significativas em nossas vidas. Novos hábitos foram inseridos no cotidiano a partir da necessidade de isolamento social e a forma como encaramos a morte também foi radicalmente afetada. O artigo procura refletir sobre o papel fundamental do historiador no registro da pandemia a partir da apresentação de quatro trabalhos produzidos ao longo deste período que diretamente relacionaram o arquivo, a memória e a pandemia por COVID-19. O debate gira em torno da possibilidade de reflexão sobre o “dever de memória” e produção de documentos que poderão, no futuro, informar sobre, inclusive, como o Brasil chegou ao patamar de mais de meio milhão de mortes pela doença em tão pouco tempo.

Palavras-chave: COVID-19. Memória. Testemunho. Pandemia. História

Abstract: The years 2020 and 2021 brought significant changes to our lives. New habits were introduced in everyday life from the need for social isolation and the way we face death was also radically affected. The article seeks to reflect on the fundamental role of the historian in recording the pandemic, based on the presentation of four works produced in this period that directly related the archive, memory, and the Covid-19 pandemic. The debate revolves around the possibility of reflecting on the “duty of memory” and the production of documents that may, in the future, help us understand how Brazil reached the level of more than half a million deaths from the disease in so little time.

Keywords: COVID-19. Memory. Testimony. Pandemic. History.

Resumen: Los años 2020 y 2021 trajeron cambios significativos en nuestras vidas. Se introdujeron nuevos hábitos en la vida diaria a partir de la necesidad de aislamiento social y también se vio radicalmente afectada la forma en que afrontamos la muerte. El artículo busca reflexionar sobre el papel fundamental del historiador en el registro de la pandemia a partir de la presentación de cuatro trabajos producidos durante este período que relacionaban directamente el archivo, la memoria y la pandemia de Covid-19. El debate gira en torno a la posibilidad de reflexionar sobre el “deber de memoria” y la producción de documentos que puedan, en el futuro, informar sobre cómo Brasil alcanzó el nivel de más de medio millón de muertes por la enfermedad en tan poco tiempo.

Palabras clave: COVID-19. Memoria. Testimonio. Pandemia. Historia.

Introdução

Como relacionar história, memória e pandemia? Uma história do corpo? Da Saúde? Sim, claro. E uma história das emoções, dos afetos, da cultura material e imaterial da quarentena? Por suposto. Uma história dos sentimentos e do cotidiano.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

2020. 2021. Não são só datas, são indicações, marcas cronológicas que expõem uma experiência múltipla que só nos iguala quando concebemos que todos presenciaram e viveram o surgimento de um vírus que se mostra cada vez mais fatal, o Sars-Cov-2, intitulado por nós de COVID-19. Alfredo Bosi, excelentíssimo autor que nos deixou justamente neste ano, declarava que "datas são pontas de icebergs". E dizia mais:

A memória das sociedades, que a velha e hoje moça história das mentalidades reconquista com zelo e paixão; a memória das sociedades, que deve ter no historiador o seu ouvinte mais atento; a memória das sociedades precisa repousar em sinais inequívocos, sempre iguais a si mesmos; e o que há de mais inequívoco e sempre igual a si mesmo do que o número? Datas são números. Datas são pontos de luz sem os quais a densidade acumulada dos eventos pelos séculos dos séculos causaria um tal negrume que seria impossível sequer vislumbrar no opaco dos tempos os vultos das personagens e as órbitas desenhadas pelas suas ações. A memória carece de nomes e de números. A memória carece de numes. Mas de onde vem a força e a resistência dessas combinações de algarismos? [...] Vêm daquelas massas ocultas de que as datas são índices. Vêm da relação inextricável entre o acontecimento, que elas fixam com a sua simplicidade aritmética, e a polifonia do tempo social, do tempo cultural, do tempo corporal, que pulsa sob a linha de superfície dos eventos" (BOSI, 1992, p.19).

Em outras palavras, por baixo desse gigantesco *iceberg*, 2020, há um processo, há outros tempos nos quais a ação dos afetos e da imaginação, da cultura, da vida e da morte, produz naufrágios e desvios, amores e arrebatamentos. A memória, branda, como uma onda, vive dos tempos sobrepostos e, dialeticamente, os supera. Agora, em 2021, como "o tempo da pandemia" e de memórias gravadas naquele presente, que constroem histórias. Quais histórias são essas que relatamos a partir e por debaixo da ponta desses *icebergs*? 2020. 2021.

Não é meramente uma história da medicina e da doença. Não se trata apenas de uma história da morte nos continentes. É, fundamentalmente, uma história social: *I can't Breathe* – de violência contra um negro nos Estados Unidos, mas também do nosso *I can't breathe* por falta de oxigênio nos hospitais de Manaus. É saber das queimadas nas florestas brasileiras, dos bombardeios na Fai-

xa de Gaza, da negligência do Estado brasileiro e da chacina no Jacarezinho, no Rio de Janeiro. Tudo isso enquanto o vírus evolui em novas cepas cada vez mais perigosas e mortais.

Neste momento, diversas iniciativas estão sendo produzidas com o objetivo de armazenar "fontes" para uma história da pandemia. Há algumas décadas nós vivenciamos uma transformação na forma como lidamos com a memória. Estamos mais cautelosos e interessados pelos labirintos da memória. As novas tecnologias que tomaram conta do nosso mundo parecem nos afogar em um mar de memórias provocado pela sua capacidade de reprodução e armazenamento. Fala-se do século XX como a era do testemunho, não muito diferente continua a ser o século XXI. Um tipo de testemunho que encontra seu lugar de memória e arquivamento em diversos suportes e mídias, principalmente, no mundo digital.

O presente coloca a memória como objeto central da cultura e da política das sociedades ocidentais. Um olhar ao passado que contrasta com a inclinação de privilegiar o futuro. Do "futuro presente" ao "pretérito presente". No mesmo momento em que assistimos às inaugurações de novos "lugares de memória", como monumentos, museus, centros culturais e filmes, atentamo-nos ao desejo de nos afastarmos do passado e embarcarmos no "admirável" (nem tanto assim) mundo novo".

No livro *Seduzidos pela Memória*, Andreas Huyssen já advertia e questionava nossa atual forma de se relacionar com a memória e com o esquecimento. Perguntava o autor: é o medo do esquecimento que dispara o desejo de recordar, de manter vivo? Ou será o inverso? Por acaso nesta cultura saturada pelos mídia, o excesso de memória cria tal sobrecarga que o mesmo sistema de memória corre um constante perigo de implosão, o que por sua vez dispara o temor ao esquecimento? (HUYSSSEN, 2000, p. 19). A memória, como a abordamos hoje? É importante ressaltarmos que a "cultura da memória" cumpre um papel fundamental nas recentes transformações da experiência temporal ocorridas como consequência da presença dos novos meios sobre a percepção e a sensibilidade humana.

Uma pessoa sem memória deixa de ser humana. Como no filme *Blade Runner*, onde o androide se considerava humano pelo simples fato de ter um implante com memórias de seu passado fictício – infância e juventude. As identidades e as tradições coletivas possuem em sua base memórias que as constituem, que as constroem.

A memória é imprescindível para a conservação e formação das identidades. O lembrar, o armazenar, o arquivar são fundamentais e agem como formas de resistência, ferramentas de batalha pela transformação social: “A memória é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objetivo de poder”, como nos ensina Jacques Le Goff (1990):

[...] A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.

Seduzidos pela memória nós já estávamos. Mas e agora no “tempo da pandemia”, quando adicionamos o medo da morte, do extermínio do próprio ser humano, não só pelo vírus, mas também pela devastação do próprio planeta terra e seu meio ambiente? O *modus operandi* do capitalismo é implacável. Qual deve ser, portanto, o projeto do historiador?

Há uma história sendo construída e armazenada que inclui os que creem na ciência e os que a negam, dos que negam o uso da máscara ou não acreditam na vacina, das vítimas e dos sobreviventes, até mesmo uma história dos negacionismos. Assim como há uma história da necropolítica do Estado (MBEMBE, 2016). Os historiadores também são produtores de fontes e narrativas, também deixam seus relatos e testemunhos, suas experiências. É uma história criada a partir das memórias de quem sobreviveu e dos que se arriscam diariamente pelo seu sustento. Seus diários, postagens nas redes sociais, desenhos, trabalhos de arte, fotografias, músicas. Materiais que testemunham e denunciam o presente com um árduo desejo de viver!

Ao narrar minha experiência como historiadora, pretendo desenvolver o argumento de que, nos

projetos que pretendo apresentar, em face da morte, e da ratificação de que milhares de vidas perdidas poderiam ser evitadas com a aplicação de políticas públicas menos negacionistas e mais eficazes, é tarefa do historiador realizar pesquisas e enfrentar o presente e o passado. A produção de espaços de arquivamentos de experiências e testemunhos é quase *um dever de memória* que fornecerá, no futuro, mais conhecimento sobre o que estamos vivendo hoje.

Baseando-nos na ideia de que o “dever de memória” está intrinsicamente ligado à experiências coletivas traumáticas, como nos ensina Luciana Heymann (2007, p. 31) e que existe um sentido importante em correlacionar a memória à justiça, apesar dos problemas que essa questão pode acarretar, é possível conferir um caráter de “dever de memória” aos projetos de história que pretendem guardar as evidências e a memória das vítimas da COVID-19 e de um Estado negligente, como o brasileiro, que é diretamente responsável pela ineficácia no combate à pandemia. É responsabilidade do historiador comprometido com a justiça social, arquivar, preservar, denunciar a partir do recolhimento de testemunhos, para que o passado, transforme-se, como quis Todorov, “em principio de ação para o presente” (2000, p. 31).

Os projetos que serão apresentados aqui irão para além da preservação das evidências e compilação das memórias das vítimas ou dos parentes. Como será visto a seguir, a amplitude dos projetos acaba por captar esse aspecto de “dever de memória”. Dado que, ao arquivarmos, ao escrevermos os relatos ou simplesmente colecionarmos imagens do isolamento e da pandemia, muitas vezes, denunciemos as falhas do Estado a partir das nossas histórias. A aparente novidade das “*fakes news*”, por vezes produzidas pelos próprios agentes estatais, passaram a ter uma grande relevância na construção da opinião pública e foram capazes de produzir uma espécie de esquecimento e apagamento das evidências.

Desde março de 2020, quando começou o isolamento, efetuei quatro trabalhos relacionados à pandemia e memória. Discorrerei aqui sobre eles, problematizando e suscitando o debate a respeito

da importância de "arquivar a pandemia", relacioná-la com outros momentos da história que apresentamos outras pandemias e epidemias, e o que a história pode contribuir no combate e compreensão da pandemia atual, na resiliência e reconstrução pós-pandemia e, principalmente, como podemos imaginar, a partir da história, utopias que permitam enfrentar, de maneira mais eficaz e ágil, futuras pandemias que, pelo andar da carruagem, parecem que virão cada vez com maior frequência.

1 A malária, a quinina, a COVID-19 e a Cloroquina

No dia 14 de março de 2020 entrei em isolamento e cerca de um mês depois fui chamada para participar da coletânea *Viver e morrer na Peste: Epidemia na História*, lançada pela editora da UFPEL em 2021 e disponível no depósito da universidade de maneira gratuita. Redigi um breve capítulo sobre "A Ferrovia do Diabo e uma outra peste: morte de índios e trabalhadores no Brasil da Primeira República". Hospitais superlotados, UTIs sem leitos disponíveis e o descaso do Estado brasileiro para com a classe trabalhadora. A COVID-19 expôs as desigualdades. Mais uma vez a peste persegue os mais pobres, pessoas moradoras de regiões onde o saneamento básico não existe, pessoas que precisam lutar para pôr comida no prato e que agora precisam dividir seu dinheiro, que já é escasso, para comprar máscara e álcool em gel. Nas aldeias indígenas observamos como o coronavírus devasta os povos que residem no Norte do Brasil.

Foi buscando pensar em outros momentos nos quais a peste assolou indígenas e trabalhadores que me propus a escrever sobre a construção da Ferrovia Madeira-Mamoré, conhecida por alguns como Ferrovia do Diabo. Naquela ocasião, gripe, varíola, malária, pneumonia e outras doenças dizimaram milhares de vidas.

Aprenderemos um pouco sobre a chegada do "progresso" no interior no Brasil, sobre as pestes, a construção da ferrovia, as expedições e recomendações dos médicos sanitários da época, quem eram os trabalhadores vítimas e pensar como essa experiência pode nos ensinar a enfrentar a nova peste que se instaurou cerca de um século depois. Vamos refletir o significado do progresso, da modernidade, que

também é a história do capitalismo. Vamos tentar pensar as semelhanças e diferenças, o que é continuidade, permanência e o que é novo na história (MAIA, 2021, p. 291).

A pandemia afetou o processo de escrita do capítulo. A impossibilidade de acessar diretamente os arquivos gerou a necessidade de me utilizar de alguns autores que já narraram essa história, como Jaime Benchimol, André Felipe Cândido da Silva e outros. Foi necessário também recorrer aos clássicos e às fontes disponíveis na *internet*. Afinal:

É um momento novo, absolutamente novo, mas a História está aí para, mais uma vez, aprendermos com o passado e, pensando no presente, podemos construir um futuro para a humanidade. Um futuro que não repita o que será narrado nas próximas páginas (MAIA, 2021, p. 292).

Quando nos deparamos hoje com cientistas e governantes incentivando e até mesmo prescrevendo o uso da cloroquina para o tratamento da COVID-19, é inevitável não compararmos isso com as tentativas de obrigatoriedade do uso do quinina durante o período em que a ferrovia Madeira-Mamoré foi construída. Observando hoje as localidades que apresentam os maiores índices de mortalidade registradas, impossível não comparar com a discrepância de óbitos entre índios e trabalhadores e os engenheiros e altos escalões envolvidos na construção da Ferrovia do Diabo. A comparação é possível e destaca a mortalidade entre as classes populares, mais desamparadas e vulneráveis. A história ensina. É sempre relevante trazermos à tona e pensarmos nos mortos das empreitadas de uma economia capitalista mais selvagem do que a própria selva. Em nome do crescimento econômico quantas vidas foram ceifadas ontem e hoje?

2 Arquivo Pandemia – Diários íntimos, recortes poéticos, históricos, geográficos, políticos, antropológicos, artísticos, psicossociais do isolamento

Ao olhar para a Amazônia e refletir sobre a malária e o uso do quinina, ler sobre a Gripe Espanhola e lecionar, mesmo que remotamente, sobre a Revolta da Vacina, vi aumentar em mim

o desejo de armazenar memórias, testemunhos, relatos sobre a vivência do isolamento. Foi nessa ocasião que surgiu a ideia de me juntar à minha mãe, Vera Casa Nova, professora aposentada da Faculdade de Letras da UFMG, para convidar literatos, artistas, historiadores, poetas, filósofos e mais uma gama de intelectuais, das mais diferentes esferas do conhecimento e do viver, gente de carne e osso, para construir um arquivo, um livro-museu, que por fim viraram dois volumes publicados em *e-book* e distribuídos gratuitamente pela Editora da UFMG:

Este livro-arquivo-memória é uma produção coletiva sobre as nossas vivências – experiências cotidianas na pandemia. Procuramos instigar pessoas de diferentes lugares, gerações e formações a pensar conosco sua vida diante do que estamos atravessando devido ao isolamento pelo perigo de contágio do Covid-19. O objetivo desta publicação é revelar parte do que nos aconteceu/acontece durante a pandemia. Pedimos aos convidados para enviarem de uma a quatro páginas sobre um dia vivido ou alguma criação realizada durante essa época dramática. Textos, desenhos, fotografias, recortes, citações, poesias. Uma pequena coletânea-coleção, um arquivo de memórias vividas na realidade ou na imaginação de artistas, literatos, historiadores, antropólogos, filósofos, sociólogos, psicólogos, geógrafos, comunicólogos... gente de carne e osso. Nas próximas páginas, você irá encontrar alguns textos mais longos, porque intelectualmente represados durante o isolamento e expressos aqui e agora. Outros, como os de poesia, mostram a capacidade de síntese que um verso pode revelar. Metáforas e metonímias que não cabem somente em versos, mas também nas narrativas histórico-antropológicas e visuais, literárias, teóricas, enfim, nos variados campos da linguagem. Perdas e faltas habitam nosso tempo excessivamente durante uma pandemia tornada guerra. E como numa guerra se levantam gestos, num movimento de fluxos e refluxos. [...] Textos-memória, singularizando o tempo de cada sujeito isolado. A memória vive do tempo que passou e o supera. E a memória e a palavra, o gesto, são inseparáveis e reatualizam o tempo que passou. [...] Cada texto é um corpo exposto. Beirando a estética e a política num tempo de gestos sobreviventes. Registramos nossas inquietações, nossa paralisia e nosso movimento, através de imagens e de palavras que mostram nossa resistência e nosso real (MAIA; CASA NOVA, 2020, p. 15-17).

Já o segundo volume expôs como a estética e a política navegam juntas e buscam registrar os eventos, o tempo da pandemia. Entretanto, também damos ênfase na potência da arte por

meio das poesias e imagens elaboradas pelos indivíduos que ali fincaram suas memórias e visões sobre a pandemia.

Que caminhos? Por quais vias passamos, da impotência à potência, até chegar ao poder? Questões possíveis no mundo de hoje, de ontem e de sempre. A potência do nosso desejo é nossa força motriz. Carregamos, descarregamos os pesos sobre nossos ombros: – Ai, quanta dor na coluna! Balançar a cabeça, mover o pescoço – mas a dor não passa. Está fora e está dentro. Unimos forças, desunimos pelo desânimo da repetição nossa de cada dia. Pensamos no movimento, na revolta desse presente desejanste. Quantos movimentos traídos? Quantos gestos capazes de nos fazer voltar a criar uma derrubada de valores que não valem mais nada diante da morte. Sacudir essa potência em nós. Isso é vida! É criação! Os textos e imagens do Arquivo que remontamos aqui exaltam a potência da cultura. A arte grita pela vida e homenageia os mortos. São documentos da existência humana no mundo. Apreendem o instante desse novo tempo. Gritam que sabem que vidas negras importam. Sussurram que sentem as perdas e que a História ensina a não esquecer. Não vamos nunca esquecer as perdas que a cada dia contabilizamos. [...] Não vamos esquecer os mortos pelo vírus Covid-19, mas também não esqueceremos dos mortos pelos outros vírus igualmente assassinos. Tantos George(s) Floyd(s) que viram estrelas todos os dias aqui e lá, mortos pelo vírus da violência, do preconceito, do racismo, da fome, aqui e lá fora. Não vamos nos esquecer dos desmatamentos da Amazônia e do ataque e contaminação dos povos indígenas que tem sempre tanto saber sobre o viver isolado a nos transmitir! A memória nos dá força para resistir. [...] Mais uma vez, a cultura e a arte emanadas de um cotidiano complexo e fugidio nos fazem olhar para dentro e pensar novas possibilidades de existência e resistência. Dante Alighieri e Rimbaud já estiveram lá e ecoam aqui. A visão do inferno e nossos vagalumes. Será mesmo que os vagalumes foram extintos? Talvez não. Ainda vemos sua luz piscando intermitente dentro da noite veloz. Apesar de tudo, emitem ainda sua luz. Contra qualquer visão de apocalipse, a luz desejanste! Olhar e imaginação aqui interrogam a história detestável, o estado de sítio, o deserto do real. Contra todas as pragas, dos gafanhotos aos políticos genocidas, ainda pulsam os vagalumes! Quem são as luzes pulsantes que vão iluminar as trevas, se levantar contra os tempos nefastos? Quem ou o quê, apesar de todo maquinário de destruição, há de nos devolver o Sol democrático que, atravessando os vidros-cristais das janelas, nos empurram para o mundo multicolorido e plural que nos cabe? Saber-vaga-lume se escreve e inscreve aqui nesse projeto do Arquivo Pandemia. Mas, antes de iniciar a viagem para dentro, cabe olhar pela janela mais uma vez, ver o lado de fora, respirar fundo (muitos can't breathe!) e repetir: É preciso sacudir essa potência em nós. Isso é vida! É criação! (MAIA CASA NOVA, 2020, p. 17-20).

Brotaram então diversas questões conectadas ao tema da pandemia: desigualdades, democracia, direitos civis, direitos humanos, conflitos étnico-raciais, liberdades individuais. São dois livros pujantes e eu, como pesquisadora do cenário urbano e historiadora da cultura, atenta às questões do tempo e do espaço, propus um locus interdisciplinar, uma multiplicidade de experiências que tivessem a capacidade de se tornar uma fonte histórica para os historiadores do futuro. Neste caso, se o volume 1 recebeu contribuições de artistas e muitos literatos e pensadores das universidades brasileiras e do exterior, o volume 2 pretendeu expandir as margens e territórios da experiência vivida no cotidiano. Portanto, essa coletânea, mais do que registros, transporta uma esperança, pois observamos, por meio da arte sobretudo, uma chance de nos reconectarmos com a própria condição humana. Por mais que nossas relações estejam sendo intermediadas pelas telas dos celulares e outros dispositivos eletrônicos, em um mundo afetado pelos negacionismos, que banalizam o valor da vida humana e põe em xeque a própria ideia de civilização, está sendo também um momento de autorreflexão, um olhar para dentro de si, um retorno ao humano e à natureza. E nos perguntamos: vai passar?

3 Curadoria projeto #MemóriasCovid19

Durante a organização dos dois volumes do Arquivo Pandemia, a pesquisadora e professora Ana Carolina Maciel, da Unicamp, teve uma ideia ligeiramente parecida: elaborar uma plataforma em que fosse possível arquivar as experiências vividas na pandemia. Como ela mesma se referiu: uma espécie de cápsula do tempo presente. Ela igualmente compreendeu a necessidade de construir um ambiente que pudesse colecionar e armazenar as memórias da pandemia, dentro do contexto de valorização da memória, sobretudo com imagens, textos e sons (músicas, vídeos e depoimentos gravados em áudio) e uma gama de materiais que traziam à tona um debate sobre a "urgência de memória" (PERROTTA; CRUZ, 2021, p. 320).

O projeto #MemóriasCovid19 tem como objetivo principal a construção de um "arquivo" virtual voltado à coleta, seleção e difusão de "olhares" sobre a pandemia. Pretende-se contribuir para um dimensionamento dessa crise global por meio de memórias individuais, extrapolando a volatilidade e a impessoalidade das mídias impressas e televisivas. Para tanto, foi elaborada uma plataforma web onde os proponentes submetem seus relatos em diversos suportes: imagens, textos, vídeos, áudios, etc. Em seguida as propostas são processadas e encaminhadas para os membros uma comissão curatorial composta por especialistas de várias áreas, que têm a incumbência de analisá-las e selecionar quais serão exibidas *on-line* (MACIEL; FERREIRA, [2021]).

Curioso perceber como o trabalho de curadoria é proveitoso e pode provocar em nós algumas reflexões que vão no mesmo caminho de pensar o papel do historiador e a necessidade de arquivar a experiência atual. Além disso, como os autores acima citados observam, nesse ano de existência do repositório (plataforma), ainda que se destaque a pluralidade e diversidade dos materiais de memória e registro, é possível agrupá-los em alguns grupos:

[...] esse conjunto de "olhares" singulares converge numa experiência coletiva da pandemia, o que nos impulsiona a empreender um trabalho de categorização dos relatos. Ao definirmos categorias – tais como "temporalidades", "espaços", "intersubjetividades", "inconformismos" e "reinvenções" – nos inspiramos no teor de cada relato na tentativa de criar agrupamentos, estabelecendo possíveis conexões, mas, igualmente, respeitando a pluralidade característica dessa proposta de salvaguarda. Busca-se aproximações e, por que não, tensões, sem, contudo, eclipsar as singularidades específicas de cada memória (MACIEL; FERREIRA, [2021]).

Há pouco tempo o projeto produziu um pequeno documentário com o objetivo de apresentar a plataforma e ele foi lançado no *Ars Eletronica* em Viena, Áustria, no ano passado, com a participação de todos os curadores falando sobre a importância da participação de todos e da relevância do trabalho de coleta de percepções e experiências na pandemia, que está em curso através do #MemóriasCovid19. Uma vigorosa reunião de saberes e testemunhos do "tempo da pandemia" que ficará na "nuvem", como se diz,

em ambiente virtual, mas também cujas reflexões estão se tornando um belo livro.²

4 Mulheres, envelhecimento e pandemia: história oral de uma intelectual no isolamento

Ainda pensando no debate sobre as conexões entre história, memória e pandemia, realizei uma entrevista de História oral de vida para o livro *História Oral na Pandemia: Mulheres e Envelhecimento*, que está saindo do forno pela Editora Letra & Voz. Na organização do livro, Juniele Rabelo de Almeida, Livia Lima e Denise Pimenta. Tive a pretensão de fazer um recorte temático, e pensando nisso, entrevistei Vera Lúcia de Carvalho Casa Nova, poeta, tradutora, professora aposentada da Faculdade de Letras da UFMG.

Após cerca de duas horas de gravação, havíamos percorrido parte da história de sua vida de maneira que capturamos momentos importantes de sua trajetória. Inevitavelmente chegamos ao presente, ao isolamento, às novas tarefas do dia a dia, às novas necessidades, às leituras e à vontade de cuidar mais das plantas e dos bichos. Da vida e do envelhecimento ao lado de seu companheiro Túlio, astrofísico e professor também aposentado da UFMG. Da saudade dos netos. Da saudade de um Brasil que um dia fora mais justo, mais alegre e mais democrático. Da descoberta da espiritualidade como uma forma de tentar lidar com as inúmeras perdas, a brutalidade cotidiana, tantas experiências compartilhadas pelas telas (TV, computador, aparelho de telefonia celular etc.) Ter a oportunidade de ouvir os relatos, testemunhos e experiências de uma intelectual idosa e em isolamento também acarretou a produção de inúmeras reflexões sobre o "dever de memória" e o papel de nós historiadores no recolhimento dessas experiências:

Mas com relação ao comportamento humano é lamentável porque quase ninguém aprendeu nada. Não são só as aglomerações não, para certas pessoas parece que não tem nada acontecendo. Aqui em Belo Horizonte a gente vê muitas pessoas sem máscara na rua, os velhos, inclusive, dificilmente usam máscara.

Ao expor sua angústia, Vera está falando sobre um sentimento que milhões de brasileiros vivenciam todos os dias. Andando pelas ruas é perceptível como pouquíssimas pessoas estão de fato utilizando máscaras, álcool em gel e mantendo o distanciamento necessário. A população idosa, até então a que corria maiores riscos de desenvolver os sintomas mais graves da COVID-19, por vezes andam pelas ruas aglomerando, conversando, vivendo sua vida normalmente, como se nada estivesse acontecendo. Como se sua vida não estivesse em jogo. De fato, o comportamento humano diante de tudo que está acontecendo é surpreendente. Será que em outras épocas também foi assim? E como pensar uma saída para a distopia do presente e imaginar cenários de futuro em que sejam pensados novos horizontes utópicos? E o que seria o "novo normal"? Como será o mundo no pós-pandemia?

O "novo normal" é uma reforma radical, que é no sentido da raiz, radical com relação ao comportamento humano. A ética, a moral, a econômica, tudo. A política, sobretudo. Porque se não se pensar na questão ecológica não tem jeito. E quando eu falo de ecológica eu falo naquele sentido do Félix Guatarri, das três ecologias, e uma delas é a ecologia do humano [...].

Desequilíbrios ambientais e ecologia humana. A necessidade de ser pensar o humano e seu impacto no mundo, as transformações ambientais acarretadas pelo homem que molda tudo ao seu redor. Nas palavras de Félix Guatarri "Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais." (GUATARRI, 2001, p. 9). Uma transformação que seja possível repensar a ética, a moral, a economia. A depoente traz à tona um debate tão em voga e tão potente: a reprodução de um sistema capitalista que não se cansa de consumir as florestas, um capitalismo desenfreado, cruel e desigual que não nos permite pensar no amanhã.

² O documentário pode ser assistido no link: <https://memoriascovid19.unicamp.br/video-documentary>.

O "novo normal"? Isso é uma balela. Agora, a memória vai ficar e isso aqui que nós estamos vivendo no Brasil é quase um Holocausto, é quase um genocídio. Eu sei que não vai se comparar ao que os judeus sofreram. Mas é uma verdadeira vergonha que no século XXI ainda se repita tanto genocídio. Isso é lamentável!

Em junho de 2021, o Brasil chegou à marca de 500 mil mortes por COVID-19. Milhares de pessoas mortas, milhares de famílias traumatizadas. Todos conhecemos alguém que veio a falecer em decorrência do vírus. Ninguém passou ileso. Quando Vera concedeu essa entrevista, nem em nossos piores pesadelos poderíamos imaginar alcançar essa marca. Uma Comissão Parlamentar de Inquérito se formou e várias provas de que o governo federal foi negligente e minimizou a gravidade da situação já estão devidamente expostas pela CPI e pelos órgãos de imprensa.

E eu rezo todos os dias para que Deus afaste essas pessoas do nosso caminho. Mais do que nunca é da saúde, da educação, que as pessoas pensem e repensem a questão do humano. Não é aquele humano que destruiu, não é aquele humano que matou gente em nome da humanidade. Não!

A espiritualidade se faz presente nas falas de Vera como um reforço que a auxilia a enfrentar esse momento, uma forma de amparo. Novamente o humano é ressaltado como foco principal em sua fala, sua transformação através da educação e da saúde, ferramentas fundamentais para a constituição do indivíduo e sua subjetividade. Nega-se o humano que destrói, que corrói, que fere. Mas qual humano Vera pensa para substituí-lo? "É um outro humano que vem de dentro, que aflora, que está dentro de cada um de nós e que não aparece por causa do consumo, não aparece por causa de um capitalismo desenfreado"

Chegando ao final do trecho que me propus a expor aqui, Vera se recorda de outros momentos traumáticos da história brasileira, eventos que levaram centenas de vidas e que deixaram marcas entranhadas na sociedade. Inclusive, marcas que insistem em se aprofundar, geradas por uma violência do próprio Estado contra o povo:

E essa memória desse holocausto brasileiro, que já não é a primeira vez, porque já teve outra vez durante a ditadura militar do golpe civil-militar de 1964, aquilo também foi, porque matou muitas pessoas. Essa necropolítica de hoje é em cima de um povo que nem pode imaginar que tenha havido um holocausto... A falta de ar!

Considerações finais

Deixo a seguir o poema de Jorge Luís Borges, citado por minha mãe, Vera Lucia de Carvalho Casa Nova, ao final da nossa entrevista e que está em seu novo livro de poesias *Versos Oblíquos ou A obliquidade do tempo* (2021):

[...] Eu cito para terminar a nossa entrevista um texto de Jorge Luís Borges da sua Biblioteca Personal: "A lo largo del tiempo, nuestra memoria va formando una biblioteca dispar, hecha de libros o de páginas, cuya lectura fue una dicha para nosotros y que nos gustaría compartir. Los textos de esa íntima biblioteca no son forzosamente famosos (BORGES apud CASA NOVA, 2021)

Ao me aprofundar no estudo da memória e recolher textos, imagens e lembranças do cotidiano desta e de outras pandemias e tentar refletir minimamente sobre toda essa memória acumulada e para que serve afinal todo esse saber arquivado, torno a pensar sobre o papel do historiador e como atravessar essas memórias, esses gestos em imagens e textos nos permitem construir uma história que não se quer mais distopia e sim, utopia. Os arquivos da pandemia são pesados, falam de muitas perdas, muitas feridas, muita violência, morte e nostalgia. Mas também falam de como no cotidiano as pessoas – os sobreviventes – construíram redes de solidariedade, afeto, amor e resistiram, com resiliência, criatividade e fantasia, ao triste deserto do real. É possível que nosso papel seja, mais uma vez, o de escrever uma história que mostre o caminho, entre a distopia e a utopia. A arte pode ser um caminho para que nos levantemos e por isso, o historiador do norte ou do sul global, deve estar atento. Fecho com um poema que está presente no livro de Vera intitulado "Conversa com Paul Celan" (CASA NOVA, 2021, p. 93):

Converso com Celan sobre a morte
sobre as feridas
sobre o silêncio
e ele me diz:
“Só à noite deves deixar falar diante dos olhos”
E a coragem de viver
às vezes se desfaz
como um vulto da fantasia,
às sombras de nós
ficam rastros
de amor e ódio.
A margem da tua nostalgia
desse amor em Marrocos.

Mas beijar a morte
é da impossibilidade do ser
na palavra-limiar
o olhar errante escorre pelo
teu universo de espanto.

Ainda no rastro de nossa conversa
as imagens crescem como
teu olhar deseja.
Minha roseira oferta sua beleza
a quem passa na rua.

Eu também prefiro as cascas
das árvores
e vou vivendo no fio ou à beira da navalha.

E, ao final de sua entrevista, mamãe traz a
esperança ao dizer exclamando: “Apesar de tudo,
viva a alegria!!!!” *É preciso ouvir os mais velhos.*

Referências

- BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In: ABENSUOR, Miguel *et al.* *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2019.
- CASA NOVA, Vera. *Versos oblíquos ou A obliquidade do tempo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2021.
- DIDI-HUBERMAN, G. *Imagens apesar de tudo*. Lisboa: KKYM, 2012.
- GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. 20. ed. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 2009.
- HEYMANN, Luciana Quillet. O dever de mémoire na França contemporânea: entre memória, história, legislação e direitos. In: GOMES, Angela de Castro (coord.). *Direitos e cidadania: memória, política e cultura*. Rio de Janeiro: FGV, 2007. p. 15-43.

HUYSSSEN, A. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

HUYSSSEN, A. *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. Rio de Janeiro: Contraponto; Museu de Arte do Rio, 2014.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1990.

MACIEL, Ana Carolina de Moura Delfim; FERREIRA, João Felipe Rufatto. Cápsula do tempo presente. *Comunicação e Memória*, Rio de Janeiro, n. 1, p. x, mar. 2021. Disponível em: https://revistacm.memoriadaeletricidade.com.br/uploads/Revista_Comunicacao_e_Memoria_ano_01_mar_01_pdf_2898419278.pdf.

MAIA, Andréa Casa Nova. Uma intelectual na pandemia – Vera na casa entre poemas, plantas e afetos. In: RABELO, Juniele; LIMA, Livia; PIMENTA, Denise. (orgs). *História Oral na Pandemia: Mulheres e Envelhecimento*. São Paulo: Ed. Letra & Voz, 2021. No prelo.

MAIA, Andréa Casa Nova; CASA NOVA, Vera (org.). *Arquivo pandemia: volume 1 e 2*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

MAIA, Andréa Casa Nova. A malária na ferrovia do diabo: outra peste provoca morte de índios e de trabalhadores no Brasil da Primeira República. In: CERQUEIRA, Fábio Vergara; AXT, Gunter; FERREIRA, Renata Brauner (org.). *Epidemia na História. Coleção Viver e Morrer na Peste*. Pelotas: Ed. UFPel, 2021. p. 291–306. v. 1.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, n. 32, dez. 2016.

PERROTTA, Isabella; CRUZ, Lucia Santa. Objetos da quarentena: urgência de memória. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 34, n. 73, p. 320-342, maio/ago. 2021.

TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Barcelona: Paidós, 2000.

Andréa Casa Nova Maia

Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, RJ, Brasil; professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Endereço para correspondência

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Av. Pedro Calmon, 550
Cidade Universitária, 21941-901
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação antes da publicação.